

A FOLKCOMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA DE MINORIAS: A PARADA DO ORGULHO LGBTQIA+ NA CIDADE DE SÃO PAULO

Data de aceite: 03/08/2023

Vanessa Ester Ferreira Nunes

Doutoranda em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID (bolsista CAPES), Mestra em Políticas Públicas. Especialista em Direito da Diversidade e Inclusão, Direito Civil e Processo Civil, Direito Privado, Direito Empresarial, Advocacia Extrajudicial, Direito Público, Direito do Trabalho, Direito Previdenciário e Direito Constitucional Aplicado. Licenciada em História. Professora do Centro Universitário Braz Cubas, Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade e da Faculdade de Suzano – UNIESP. Advogada sócia do escritório Denis Nunes Sociedade de Advogados.

Cristina Schmidt Silva Portéro

Pós-doutora pela Cátedra UNESCO/ Umesp. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, jornalista e mestre em Teoria e Ensino da Comunicação pela UMESP.

Alexsandro do Nascimento Santos

Doutor em Educação e Professor do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID.

Trabalho apresentado à DTI 13 – FOLKCOMUNICAÇÃO do XVI Congresso IBERCOM, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27-29 de novembro de 2019.

RESUMO: Três milhões de pessoas são levadas às ruas da cidade de São Paulo por ocasião da Parada do Orgulho LGBTQIA+, que completou 22 anos em 2019. É um processo de Folkcomunicação onde um grupo marginalizado, por meio de canais próprios e de líderes de folkcom, busca aproximações culturais. O presente artigo volta-se para essa Parada LGBTQIA+, apresentando os temas utilizados nos últimos 10 anos, que evidenciam suas problemáticas em busca de respeito e dignidade. De modo descritivo, com levantamento bibliográfico, documental e observação participante; traz evidências de que o processo de folkcomunicação, como expressão desse grupo marginalizado, fortalece sua cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação. Minorias. Diversidade Sexual. Cidadania.

FOLKCOMMUNICATION FOR MINORITY CITIZENSHIP: THE LGBTQIA+ PRIDE PARADE IN SÃO PAULO CITY

ABSTRACT: Three million people are taken to the streets of the city of São Paulo on the occasion of the LGBTQIA+ Pride Parade, which completed 22 years in 2019. It is a Folkcommunication process where a marginalized group, through its own channels and folkcom leaders, seeks cultural approximations. This article focuses on this LGBTQIA+ Parade, presenting the themes used in the last 10 years, which highlight its problems in search of respect and dignity. Descriptively, with bibliographical and documental survey and participant observation; brings evidence that the process of folkcommunication, as an expression of this marginalized group, strengthens their citizenship.

KEYWORDS: Folkcommunication. Minorities. Sexual Diversity. Citizenship.

1 | INTRODUÇÃO

Três milhões de pessoas são levadas às ruas da cidade de São Paulo por ocasião da Parada do Orgulho LGBTQIA+, que completou 22 anos em 2019. Voltado para o posicionamento de um grupo social marginalizado, essa manifestação teve origem nos movimentos contra a homofobia norte-americanos desde 1969, momento em que os homossexuais passaram a se manifestar contra as violências sofridas por esse grupo, em que eram brutalmente tratados por serem considerados doentes, depravados ou transgressores da ordem social.

No Brasil, esse movimento busca aproximar diferentes grupos sociais na expectativa de quebrar paradigmas e resistências culturais para a inclusão da comunidade LGBTQIA+. Isso pelo fato de o Brasil ser considerado um dos países que mais comete violências e crimes de morte contra esse público no mundo.

Esse movimento traz em seu *background* uma realidade estigmatizada que leva um grupo social à margem dos processos sociais hegemônicos, decorrentes de um percurso histórico recorrente de preconceito e discriminação no mundo inteiro. É por essa condição que a Associação da Parada do Orgulho GLBT realiza no município de São Paulo a Parada de Orgulho LGBTQIA+, desde 1997 na principal avenida do município, a Avenida Paulista, “[...] com o objetivo de reunir gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestir e ativistas para celebrar o orgulho e protestar contra o preconceito”. Mas, vai muito além desses grupos, tendo a participação de milhões de pessoas anualmente na Parada.

Esse objeto de análise está diretamente relacionado ao campo de investigação da folkcomunicação, uma vez que a manifestação das pautas LGBTQIA+ acontece por meio de processos folkcomunicacionais e tem como agente comunicador e aglutinador uma liderança folk. Esses são os mediadores, os negociadores que fazem a codificação do fluxo e contrafluxo da informação. Isso quer dizer que, o comunicador de Folk – como define Beltrão – intermedia a participação da comunidade na mídia e da incorporação de características advindas daí. Esses agentes não são únicos, muitas vezes é um grupo de

pessoas que respalda a comunidade em suas relações. E, na Parada do Orgulho LGBTQIA+ quem faz esse papel de mediador de comunicação e articulador para que o movimento ganhe posição no cenário político, é a Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+.

Esse artigo, então, tem como objetivo analisar a manifestação cultural denominada Parada do Orgulho LGBTQIA+. como processo folkcomunicação de empoderamento e cidadania. Esta expressão está inserida no conceito de grupo culturalmente marginalizado, e representa uma minoria social. O evento, realizado todos os anos, desde 1997 no município de São Paulo, é organizado pela Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+ e pela Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania - SMDHC.

Discorre-se sobre o tema de modo descritivo, com levantamento bibliográfico, documental e observação em campo durante a manifestação de 2018. Manifestação essa que tem uma dupla missão: a celebração do orgulho como conquista de cidadania e combate ao preconceito, segundo a Associação da Parada do Orgulho GLBT - APOGLBT (2019).

2 I FOLKCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA DOS GRUPOS MARGINALIZADOS.

A cultura, entendida como comunicação de saberes onde registra-se os processos de transformação do natural na constituição de espaços artificiais para atender às necessidades coletivas, já traz em sua concepção a dinâmica social, a adaptabilidade para suprir necessidades momentâneas (SCHMIDT, 2013).

E, o homem possui necessidades culturais que são exteriorizadas por intermédio de manifestações culturais, sendo essas manifestações uma garantia do cidadão exposta no artigo 215, da Constituição Federal (BRASIL, 1988), estabelecendo que o Estado garantirá a todos os cidadãos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, apoiando e incentivando a valorização e a diversidades das manifestações culturais. (NUNES e SCHMIDT, 2019)

O Estado garante ao cidadão o exercício dos direitos culturais quando edita leis, concede espaço público para manifestações, financia e cria políticas culturais com a finalidade da promoção cultural para seus cidadãos, segundo Coelho (1997, p.293) “com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.”

Esses cidadãos, a fim de tomarem seus direitos plenos na sociedade contemporânea, passa por um processo de constituição de sua cidadania, “entendida como um status que garante aos indivíduos, como membros plenos de uma comunidade, iguais direitos e deveres, liberdades e restrições” (GIOVANNI; NOGUEIRA, 2018, p.138), ou como define Hannah Arendt (1997) cidadania é “o direito de ter direito”. Muito embora, só se tem plena cidadania ao se pertencer à uma determinada comunidade e trazer à prática esses preceitos no conjunto da sociedade.

Expõe Luiz Beltrão (1980), no livro “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados”, vai afirmar que as expressões culturais sofrem uma segregação social que a história do país impôs aos grupos populares – rurais e urbanos, configurando o que define como grupo rural marginalizado, grupo urbano marginalizado e, um terceiro, o grupo dos culturalmente marginalizados.

Tais grupos, estruturam, canais próprios de comunicação e transmissão de informação para a formação social e política no fortalecimento de sua própria cidadania. Inclusive, o reposicionamento político global na atualidade, com grandes rupturas democráticas, faz com que manifestações populares se multipliquem envolvendo um número grande de pessoas, deixando de lado a referência do folk como algo antigo, ultrapassado ou particular a um segmento social (SCHMIDT, 2013).

Luiz Beltrão, ao criar sua teoria em 1967, faz uma reflexão sobre a importância dos processos de comunicação em dois níveis de alcance: a comunicação para o mundo, que é aquela produzida e transmitida pelas mídias hegemônicas e massivas; e a comunicação para um mundo, aquela que está inserida nos grupos populares para expressar suas necessidades de sociabilidade e transmissão de saberes e fazeres por meios próprios da cultura que a manifesta. Essa segunda dimensão da comunicação, compreende-se o processo de Folkcomunicação, ou seja: “o conjunto de procedimentos e intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

Inclusive, o processo em si é diferenciado pois utiliza de um fluxo em duas etapas. Isso quer dizer que vai além da comunicação tradicional e massiva que decorre do Emissor, mensagem, canal e receptor, sendo que este último pode reagir ao que recebeu fornecendo um feedback ao emissor. Na Folkcomunicação com o fluxo em duas etapas, a comunicação ocorre conforme o esquema ilustrativo abaixo:

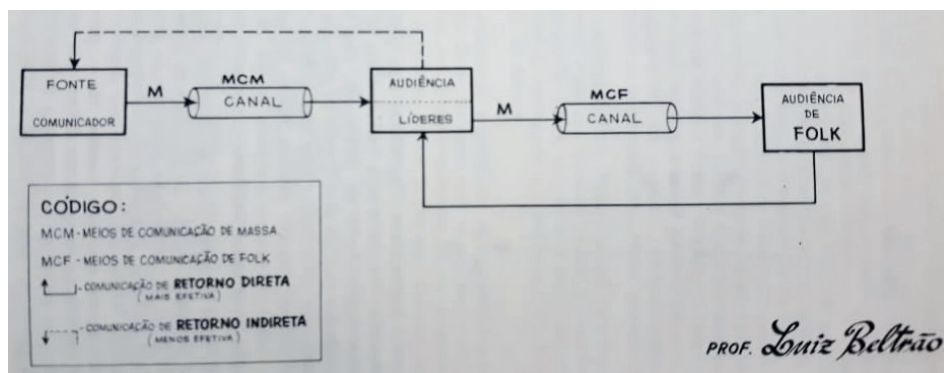


Imagem 01: Processo de Folkcomunicação

Fonte: Beltrão, 1980, p.34

No processo de Folkcomunicação, a presença do agente comunicador ou líder de opinião – integrante do grupo em questão, terá atuação de um mediador-intérprete da mensagem para reenviá-la ao receptor em canais e mensagens próprios a estes. Portanto, os processos hegemônicos de comunicação são decodificados por agentes de folk, organicamente pertencentes ao grupo marginalizado, que se apropriam e recriam suas comunicações próprias, em canais e mensagens inerentes ao grupo que pertencem. (BELTRÃO, 1980, p.31)

Os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 35).

O agente comunicador nas Paradas do Orgulho LGBTQIA+ é a própria associação organizadora do evento, pois ela faz a conexão da audiência de folk, do grupo de minoria, com os diferentes grupos sociais que são atingidos pela mensagem. A organização faz a expansão da mensagem – da causa dessa minoria - para outros grupos por meio de apropriações de linguagens múltiplas, levando à criação de pautas nos espaços hegemônicos: nas mídias, na agenda política e econômica.

Esses segmentos de “audiência da folkcomunicação” ficam em uma condição de busca de mecanismos para diálogo e resistência por meio de expressões ou “oportunidades de comunicação”, ou seja, procedimentos comunicacionais próprios, originários em sua cultura/identidade, mesclados com valores hegemônicos, ressignificados pelo grupo e recriadas para atender uma necessidade de posicionamento social. (SCHMIDT in MELO, 2012)

E, é nesse sentido que a Parada do Orgulho LGBTQIA+ da cidade de São Paulo – BR pode ser plenamente compreendida como processo folkcomunicacional. Isso pois, ela cria a oportunidade da construção de linguagens específicas e próprias ao grupo que representa, marginalizados dos grandes processos sociais, políticos e comunicacionais.

3 | A MINORIA LGBTQIA+

A população LGBTQIA+. considerada uma minoria em nossa sociedade e devido a recorrente situação de violência em que se encontra, seja por preconceito, agressões físicas, rejeição no mercado de trabalho, entre outras, podemos classificar como um grupo de minorias vulneráveis de pessoas.

Conforme Rios Junior (2013, p.25) na classificação de minorias deve ser considerada: “[...] pela sua natureza qualitativa, ou seja, levando em consideração o aspecto que coloca o grupo ou pessoa em situação de vulnerabilidade (cultura, etnia, língua, classe social etc.)”

Segundo Jubilit e Casella (2013): “[...] as minorias por orientação sexual e identidade

de gênero ainda são perseguidas [...], continua enfatizando que [...] em outras sociedades, supostamente tolerantes, como a nossa, essa minoria é sujeita a alguns dos mais altos índices de agressão e violência em todo o planeta.”

A sigla LGBTQIA+ identifica Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais / Transgêneros / Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais e o sinal de + indicando demais representações, segundo Jesus (2012):

Homossexuais se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero, e bissexuais por pessoas de qualquer gênero, o que não se relaciona com sua identidade de gênero, ou seja, não se questionam quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído quando nasceram, ao contrário das pessoas transexuais e travestis. (JESUS, 2012, p. 12)

A letra T representa pessoas transgênero englobando Transexuais e Travestis. Transexual é a pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo de nascimento, não tem ligação com orientação sexual e sim gênero.

Podem ser mulheres ou homens, que buscam alternativas para adequar à identidade de gênero que reconhece possuir. Algumas pessoas trans recorrem a tratamentos médicos, hormônios e cirurgia de redesignação sexual.

A letra Q representa as pessoas Queer, segundo a teoria de Judith Butler, trata-se de uma palavra estrangeira inglesa que, traduzindo para o português, significa “estranho”. Esse termo representa as pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros, sem concordar com tais rótulos, ou que não saibam definir seu gênero/orientação sexual. (G1, 2022).

A letra I identifica intersexual, ou seja, trata-se da pessoa que nasceu com dois sexos biológicos (ou não) também conhecida como hermafroditas. (CADERNO, 2017). Já a letra A representa as pessoas assexuais “[...] que tem como principal característica a falta de atração sexual por outra pessoa, independentemente de gênero. (G1, 2022).

No tocante a quantidade de pessoas pertencentes à população LGBTQIA+, infelizmente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) até o momento não realizou uma estatística precisa da quantidade de pessoas pertencentes a população LGBTQIA+. (NUNES e SCHMIDT, 2019)

Expõe Oliveira (2017): “O Brasil é o país que mais assassina travestis e mulheres transexuais no mundo, de acordo com os dados da Transgender Europe[...].” Conforme a Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo (2016): nas Américas o Brasil é o país que mais mata LGBTQIA+, foram 340 mortes somente no ano de 2016.

De acordo com o site de notícias Universa Uol (2018) em 2017 o Brasil foi o país que mais assassinou travestis e transexuais, um foi morto a cada 48h. Já em 2018 segundo a ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2018) os assassinatos das pessoas pertencentes a sigla LGBTQIA+ continuaram em número expressivo com 326 mortes. E, também para o site da ONU – Organização das Nações Unidas (2019): “Brasil é

um dos países que registram mais agressões contra pessoas LGBTI”.

Isso representa a configuração de um grupo social marginalizado dos processos sociais hegemônicos, decorrentes de um percurso histórico recorrente de preconceito e discriminação no mundo inteiro. É por essa condição que a Associação da Parada do Orgulho GLBT realiza no município de São Paulo a Parada de Orgulho LGBTQIA+, desde 1997 na principal avenida do município, a Avenida Paulista, “[...] com o objetivo de reunir gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestir e ativistas para celebrar o orgulho e protestar contra o preconceito”. Mas, vai muito além desses grupos, tendo a participação de mais de 3 milhões de pessoas no ano de 2018.

4 | A HISTÓRIA DA PARADA DO ORGULHO LGBTQIA+

A luta LGBTQIA+ teve como momento inicial o fato conhecido como Stonewall Uprising, parafraseando Gorisch (2014), em 1969 os atos homossexuais eram considerados ilegais nos Estados Unidos e em grande parte dos países. Os anos 60 foram cruéis, os homossexuais eram tratados como doentes mentais, psicopatas, pedófilos e promíscuos. Havia clínicas que realizavam tratamento de choque, castração e estetização, conforme Nunes e Schmidt (2019).

Expõe Gorisch (2014) que eles eram chamados de *hunted*, ou seja, caçados, os policiais tinham o aval do Estado para feri-los fisicamente e os prender sem motivo aparente, somente pelo quesito de serem homossexuais, conforme Nunes e Schmidt (2019).

Stonewall era um bar localizado em Nova Iorque nos Estados Unidos frequentado por homossexuais e travestis, sendo que em 1969 o Prefeito impôs o fechamento do bar e a polícia o invadiu dando voz de prisão a todos e espancando uma pessoa quase até a morte, como consequência, os frequentadores do local reagiram ao ataque unindo-se com mulheres, negros e simpatizantes da causa por dois dias, nascendo gritos como “Gay Power”, sendo assim organizada a primeira Parada Gay reunindo mais de 2 mil pessoas, conforme Gorisch, (2014).

Nas palavras de Botelho e Schwarcz (2012): [...] as palavras de ordem como “assumir-se” e “sair do armário” simbolizavam o anseio de tornar visível a fonte de orgulho o que até então era motivo de vergonha e vivido na clandestinidade”.

Após esse fato histórico a população LGBTQIA+ não se calou e a Parada LGBTQIA+ expandiu para outros países, inclusive no Brasil, haja vista o índice elevado de violência contra a população LGBTQIA+, conforme Nunes e Schmidt (2019).

A Parada do Orgulho LGBTQIA+ chegou ao Brasil, acontecendo em vários estados do país no mês de junho. Hoje, considerada a maior Parada do Orgulho LGBTQIA+ do mundo a da cidade de São Paulo, iniciou em 1997 com 2 mil pessoas, segundo Gorisch (2014) e se mantém até a atualidade com números de participantes que ultrapassam os 3 milhões.

No município de São Paulo a primeira Parada de Orgulho LGBTQIA+ aconteceu em junho de 1997 na principal avenida do município, Avenida Paulista, segundo a Associação da Parada do Orgulho GLBT - APOGLBT (2019): “[...] com o objetivo de reunir gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestir e ativistas para celebrar o orgulho e protestar contra o preconceito”, segundo Nunes e Schmidt (2019).

No que se refere a quantidade de participantes ao longo desses mais de 20 anos, podemos ver um significativo crescimento conforme exposto na tabela divulgada pela APOGLBT SP (Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo). A seguir, a tabela com os números obtidos pelos organizadores e pela Polícia Militar:

Estimativa de público divulgado pela APOGLBT SP

Ano	Edição	Organizadores	Polícia Militar	Datafolha
1997	I		2.000	
1998	II		8.000	
1999	III		35.000	
2000	IV	120.000	100.000	
2001	V		200.000	
2002	VI	700.000	400.000	
2003	VII	1.000.000	800.000	
2004	VIII	1.800.000	1.500.000	
2005	IX	2.500.000	1.800.000	
2006	X	3.000.000	2.500.000* Valor incluído no Guinness Book.	
2007	XI	3.500.000		
2008	XII	3.400.000		
2009	XIII	3.100.000		
2010	XIV	3.500.000		
2011	XV	4.000.000		
2012	XVI	4.500.000		270.000
2013	XVII	4.000.000	600.000	220.000
2014	XVIII		100.000	
2015	XIX	2.000.000	20.000	
2016	XX	3.000.000	190.000	

Em 2017 e 2018: 3.000.000 de pessoas.

Fonte: os autores

5 | AS TEMÁTICAS: 2008 - 2018 EM SÃO PAULO

Esse movimento é organizado pela Organização Não Governamental a Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo ocorre anualmente de forma ininterrupta anualmente com temas provocativos no sentido de apelo ao direito à vida, combate a homofobia, consciência social, respeito, igualdade e diversidade sexual, conforme Nunes e Schmidt (2019).

O evento é composto por pessoas diversas, LGBTQIA+ ou não, travestidas ou compondo um figurino colorido, chamativo e descontraído. Também levam ao evento bandeiras de luta, mais especificamente a bandeira do movimento, simbolizado por um arco íris em linhas coloridas paralelas, sempre ao som de músicas, shows, artistas e personalidades públicas.

Tendo como referência os últimos 10 anos, os temas selecionados demonstram o apelo da população LGBTQIA+ no sentido do exercício de direitos fundamentais e cidadania dessa minoria vulnerável da sociedade.

No ano de 2008 Parada XII “Homofobia mata: por um Estado Laico de fato” em decorrência do alto índice de violência e assassinatos o apelo do ano de 2008 foi direcionado à homofobia, sobre esse ano:

Esse ano é marcado por um aumento significativo de crimes motivados por preconceito. No relatório anual do GGB, são 190 mortos, passando de um assassinato a cada três dias (números de 2007), para dia sim, outro não. Pernambuco foi o estado mais violento (27 mortes), seguido da Bahia (18 mortes) e São Paulo (18 mortes). O relatório citado acima é divulgado todos os anos pelo site do grupo. Nessa publicação, referente a 2008, a nota se refere à quantidade de crimes como um holocausto e ainda questiona que, apesar do aumento de paradas gays, de números mais expressivos de representantes gays na política e no programa “Brasil sem homofobia”, instituído pelo governo Lula, a violência homofóbica continua crescendo em nosso país. (POSSAMAI; NUNES, 2011, P. 278).

Referente ao ano de 2009 na XIII Parada o tema foi “Sem homofobia, mais cidadania. Pela isonomia de direitos”, os índices de violência continuam altos e conseqüentemente a população LGBTQIA+ ficam marginalizados.

Além de reivindicações semelhantes a 2008, o número de homicídios homofóbicos aumentou, mas ficou bem próximo dos números do ano anterior. Segundo o relatório do GGB, houve oito crimes a mais que em 2008. No total, foram 198 mortes. Os estados mais violentos foram a Bahia (novamente) e agora o Paraná entra nessa triste lista. Ambos registraram 25 crimes cada um. (POSSAMAI; NUNES, 2011, P. 279).

“Vote contra a homofobia, defenda a cidadania” esse foi o tema escolhido para a Parada XIV do ano de 2010, tendo em vista que era época de eleições presidenciais e infelizmente meses depois na Avenida Paulista, mesmo local onde ocorrem as manifestações, jovens gays foram agredidos por outras pessoas que vinham em direção

contrária. Um deles possuía uma lâmpada fluorescente, que foi utilizada para agredir uma das vítimas, conforme Possamai e Nunes (2011).

No tocante ao ano de 2011 o tema da XV Parada do Orgulho LGBTI+ foi “Amai-vos uns aos outros: chega de homofobia” o tema escolhido tem viés político, tendo em vista que busca, segundo Exame (2011) “O Reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo e PLC 122 estão em pauta na manifestação pró lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.”

Em carta, a Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT) de São Paulo, responsável por organizar o evento, se justificou: “Respeitosamente, nos apropriamos da frase ‘Amai-vos uns aos outros’ para pedir fim à guerra travada entre religião e direitos humanos, financiada pelas brasileiras e brasileiros que dão voz aos fundamentalistas e extremistas que ocupam as cadeiras do Parlamento e espaço nas mídias.” (EXAME. 2011)

O tema trouxe polêmica junto à Igreja católica, sendo que o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer fez crítica a escolha do tema, conforme Exame (2011) as palavras foram: “ ‘Amai-vos uns aos outros’ é apenas uma parte do mandamento novo de Jesus; sem a outra parte – ‘como eu vos ame’ -, as belas palavras de Jesus ficam genéricas, ambíguas, expostas à instrumentalização subjetiva e ao deboche desrespeitoso.”

Foi abordado no ano de 2012 na XVI Parada do Orgulho LGBTQIA+ o tema “Homofobia tem cura: educação e criminalização”. No ano de 2011 cogitou-se um projeto “Escola sem homofobia” para distribuição de kits nas escolas públicas com o enfoque de trabalhar o tema da homofobia em sala de aula e no ambiente escolar, buscando conscientização, compreensão e combate.

Em que pese o parecer favorável da Unesco, houve polêmica entre os deputados, inclusive o antigo deputado federal e atual Presidente da República Jair Bolsonaro distribuiu panfletos contra a divulgação do material. Tal tema é importante, tendo em vista os índices de violência praticados nas escolas:

A questão da homofobia é presente nas escolas, especialmente no ensino médio. Segundo pesquisa da Unesco divulgada em 2004 e replicada em 241 escolas públicas e privadas em 14 capitais brasileiras, 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter um colega de classe homossexual, 35,2% dos pais não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% dos professores afirmaram não ter conhecimento o suficiente para lidar com a questão da homossexualidade na sala de aula. (G1, 2011).

Na época a Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+ divulgou um manifesto reivindicando a distribuição dos kits produzidos pelo projeto Escola Sem Homofobia. A entidade pede ainda a criminalização da homofobia, a fim de que seja combatida no momento de sua ação, Duarte (2012).

A XVII Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2013 teve como tema “Para o armário nunca mais. União e conscientização na luta contra a homofobia”, segundo Carta Capital (2013)

“[...] a ideia é dar uma resposta à perseguição dos conservadores e, ao mesmo tempo, convocar a comunidade a se manter firme e esclarecida no combate à discriminação.”

Em 2014 o tema da XVIII Parada do Orgulho LGBTQIA+ “País vencedor é país sem HomoLesboTransFobia! Chega de Mortes! Criminalização Já! Pela aprovação da Lei de Identidade de Gênero!” Foi a primeira Parada com enfoque à população T (transgêneros), segundo Castanho (2014) buscava “[...] a aprovação do projeto de lei de identidade de gênero que autoriza transexuais a trocar nome, foto e sexo em documentos oficiais sem a necessidade de fazer cirurgia de mudança de sexo, terapia hormonal ou autorização judicial.”

No que tange ao ano de 2015 o tema da XIX Parada do Orgulho LGBTQIA+ “Eu nasci assim. Eu cresci assim. Vou ser sempre assim. Respeitem-me”, as principais conquistas obtivas ao longo do tempo foram provenientes de decisões judiciais e a parada em questão pediu respeito. Contou com a presença de evangélicos com cartazes de repúdio a homofobia e pedindo perdão referente ao tratamento da igreja desferido à população LGBTQIA+.

O prefeito de São Paulo na época, Fernando Haddad, ratificou a obrigação do Poder Público para garantia dos direitos. “O Poder Público tem que ir além da tolerância. Tem que defender a tolerância, combater a intolerância, mas tem que ter um componente social de resgate da cidadania também” (FÓRUM, 2015).

Em 2016 o tema da XX Parada do Orgulho LGBTQIA+ “Lei de identidade de gênero já. Todas as pessoas juntas contra a Transfobia. Chega de mortes!”, tinha como propósito o foco no Projeto de Lei 122 de 2006, que tipifica a homofobia como crime. Segundo o Prefeito de São Paulo Fernando Haddad “ Nós entendemos que isso aqui é uma parada cívica. Para nós, infelizmente, ainda não é uma festa”, disse o prefeito, que lembrou as “atrocidades” cometidas por pessoas que têm preconceito.” (CARTA CAPITAL, 2016).

O tema da XXI Parada do Orgulho LGBTQIA+ no ano de 2017 abordou “Independente de nossas crenças nenhuma religião é lei. Todas e todos por um Estado Laico”, segundo a ONG APOGLBT SP (Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo) organizadora da Parada:

Este tema foi discutido em várias reuniões ao longo do ano desenvolvido pela ONG em parceria com coletivos, outras ONGs LGBTs e militantes independentes, onde, entre diversas questões, o fundamentalismo religioso tem ganhado dentro da política grande importância aos avanços e retrocessos morais sobre os assuntos ligados à diversidade (EXAME, 2017).

O Tema da Parada do Orgulho LGBTQIA+ no ano de 2018 foi político com o escopo de conscientizar sobre as eleições que iriam ocorrer em 2018 para Presidente no país “Poder para LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz” e segundo o site BOL (2018) referente ao tema escolhido para a 22ª Edição da Parada em 2018:

A 22ª edição do evento terá como tema ‘Eleições’, sob o seguinte slogan:

'Poder para LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz'. A ideia, então, é mostrar, artisticamente, a necessidade do cidadão ser respeitado por meio do voto, a importância da eleição consciente e a expressão artística do orgulho de ser LGBT (BOL, 2018).

De acordo com Martins (2018) a temática, estrategicamente escolhida, “[...] tem a proposta de aumentar a representatividade no Congresso Nacional e ganhar influência nas pautas políticas, que ainda são definidas em grande parte pela bancada conservadora”. Visando conquistar espaços institucionalizados para garantir atores políticos que efetivamente sejam do grupo ou que seja reconhecido pela comunidade.

Conforme se observou ao longo de 10 anos os temas abordados nas manifestações sempre estiveram relacionados a aspectos para a garantia de uma vida com plena cidadania. Temas que colocaram pautas múltiplas ligadas ao respeito, ao combate à homofobia, à participação nos processos políticos. Isso significa que, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ é genuinamente um processo de folkcomunicação que consagra a busca dos direitos fundamentais da minoria LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constância da manifestação (22 anos) já representa uma identidade de minoria que foi, sistematicamente, estabelecendo diálogos com outros grupos ou até mesmo com o próprio, conferindo respeitabilidade, dignidade e cidadania. Esse processo confere a folkcomunicação não a originalidade ou a antiguidade da produção cultural, mas sim seus mecanismos de potencializar as relações interpessoais e interculturais. Ela ocorre com meios possíveis aos grupos marginalizados e com linguagens em que ocorre a interatividade (SCHMIDT, 2013).

Algumas das temáticas trabalhadas amplamente na arena social e política que a Parada do Orgulho LGBTQIA+ desenvolve na cidade de São Paulo, transformam-se em aspectos estratégicos de sobrevivência – quiçá, de autonomia – desse grupo marginalizado. Com isso, a busca pela igualdade da minoria LGBTQIA+ ganhou força no decorrer dos anos e, anualmente, essa manifestação que é realizada desde 1997 na principal Avenida da Cidade de São Paulo, vem demarcando sua identidade gerando um agendamento de políticas públicas para seu grupo e para o evento.

Constatou-se que a manifestação folkcomunicacional da Parada LGBTQIA+ tem função mediadora de diálogo intercultural. Ela promove o enriquecimento cultural ao mesmo tempo em que protesta para o fortalecimento do grupo e para a conquista de direitos em que se garantam: a vida, o combate a homofobia, a igualdade, a liberdade, o respeito e a inclusão social.

E ainda, que nesse processo de Folkcomunicação, o papel do agente comunicador, o Líder de folk, assumidamente desempenhado pela APOGLBT SP (Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo), atende plenamente a sua audiência reverberando ainda em diferentes outros públicos. Suas mensagens se

expandem por meio de apropriações e criação de mecanismos comunicativos – temas estratégicos – que pressionam pautas nos espaços hegemônicos: nas mídias, na agenda política e econômica.

Incorporar temas da realidade social da minoria marginalizada na produção cultural popular agrega elementos comunicativos que atualizam o grupo às linguagens do universo midiático. Isso significa que, a folkcomunicação atualiza as expressões e as mensagens incorporando mecanismos internos ou externos ao grupo para criar efetividade à sua comunicação.

Por fim, se a Parada propaga sua expressão para o mundo, pois acaba pautando mídias massivas tradicionais e alternativas, a mesma manifestação cria um diálogo com diferentes níveis sociais das pessoas comuns, aos artistas, às instituições religiosas, empresas, organizações governamentais. De forma mais pragmática, a Parada LGBTQIA+ é Folkcomunicação, como uma série de ações que vão sedimentando uma via para a inclusão dessa minoria numa arena política mais igualitária.

REFERÊNCIAS

APOGLBT . **Temas e históricos**. Disponível em < <http://paradasp.org.br/quem-somos/>> (último acesso 30/09/2019).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO BRASIL (ANTRA). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Disponível em < <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>> (último acesso 25/02/2019).

BELTRÃO. Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília M. **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro enigma, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** – Vade Mecum RT. 14. ed., rev., ampl. e atual até 30.12.2016. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017.

CADERNO Globo 12. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participantes S.A., 2017

CARREIRA, Renan. **Parada Gay tenta resgatar viés político em meio a festa**. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/mundo/parada-gay-tenta-resgatar-vies-politico-em-meio-a-festa/> > (último acesso 30/09/2019).

CARTA CAPITAL. **Parada LGBT de SP define lema para 2013: “Para o armário, nunca mais! – União e conscientização na luta contra a homofobia”** Disponível em < <https://envolverde.cartacapital.com.br/parada-lgbt-de-sp-define-lema-para-2013-para-o-armario-nunca-mais-uniao-e-conscientizacao-na-luta-contra-a-homofobia/> > (último acesso 30/09/2019).

CARTA CAPITAL. **Parada do Orgulho LGBT protesta contra homofobia**. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/parada-do-orgulho-lgbt-protesta-na-capital-paulista-contra-homofobia-3774/> > (último acesso 30/09/2019).

CASTANHO, William. **Transexuais pressionam e mudam tema da Parada Gay de SP**. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/brasil/transexuais-pressionam-e-mudam-tema-da-parada-gay-de-sp/> > (último acesso 30/09/2019).

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DUARTE, Nathália. **Parada LGBT de 2012 vai pedir educação para ‘curar’ homofobia**. Disponível em < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/05/parada-lgbt-de-2012-pede-educacao-para-curar-homofobia.html> > (último acesso 30/09/2019).

FÓRUM. **Parada LGBT**: manifestantes denunciam discriminação e pedem respeito. Disponível em < <https://revistaforum.com.br/lgbt/parada-lgbt-manifestantes-denunciam-discriminacao-e-pedem-respeito/> > (último acesso 30 de setembro de 2019).

FÓRUM. **Parada do Orgulho LGBT reúne multidão em SP**: A 21ª edição do evento teve como tema a defesa pelo Estado laico. Disponível em < <https://revistaforum.com.br/noticias/parada-orgulho-lgbt-reune-multidao-em-sp/> > (último acesso 30/09/2019).

POSSAMAI, Paulo César. NUNES, Anderson da Cruz. **O tema da homofobia em dissertações e teses**. MÉTIS: história & cultura – v. 10, n. 20, p. 273-284, jul./dez. 2011

G1. **Projeto de distribuir nas escolas kits contra a homofobia provoca debate**. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/projeto-de-distribuir-nas-escolas-kits-contr-homofobia-provoca-debate.html> > (último acesso 30/09/2019).

G1. **O que é ser queer**. Disponível em < <https://g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2022/06/29/o-que-e-ser-queer.ghtml> > (último acesso em 12/12/2022).

G1. **Entenda o que é ser assexual**. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/12/entenda-o-que-e-ser-assexual-e-conheca-famosos-que-ja-assumiram-a-orientacao-sexual.ghtml> > (último acesso em 12/12/2022).

GIOVANNI, Geraldo Di; NOGUEIRA, Marco Aurélio (Orgs). **Dicionário de Políticas Públicas**. 3ª Edição. São Paulo: Editora UNESP, 2018

GORISCH, Patricia Cristina Vasques de Souza. **O Reconhecimento dos direitos humanos LGBT de Stonewall à Onu**. São Paulo: APPRIS, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2.ed. Brasília: Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012.

JUBILUT, Líliliana et all. **Direito à Diferença**: aspectos teóricos e conceituais da proteção às minorias e aos grupos vulneráveis. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2013.

NUNES, Vanessa E. F.; SCHMIDT, Cristina S.P. **A Parada do Orgulho LGBT na cidade de São Paulo**: manifestação cultural de empoderamento e combate ao preconceito. X Seminário Internacional de Políticas Culturais. RJ: Casa Ruy Barbosa, 2019.

OLIVEIRA, Antonio Deusivam de; PINTO, Cristiano Rosalino Braule. **Transpolíticas públicas**. Prefácio. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Campinas: Papel Social, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Brasil é um dos países que registram mais agressões contra pessoas LGBTI**. Disponível em < <https://nacoesunidas.org/brasil-e-um-dos-paises-que-registram-mais-agressoes-contr-pessoas-lgbti/> > (último acesso 25/02/2019).

RIOS JUNIOR, Carlos Alberto. Direitos das Minorias e limites jurídicos ao poder constituinte originário. São Paulo: Edipro, 2013.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** (IN) MELO, Jose Marques (Org.). Fortuna crítica de Luiz Beltrão – Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012.

SCHMIDT, Cristina. **Redes virtuais como espaço mobilizador dos grupos culturalmente marginalizados.** XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM: UFAM, 2013.

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO GOVERNO DE SÃO PAULO. **Questões LGBT são pauta de ocupação na Oficina Cultural Alfredo Volpi.** Disponível em: < <http://www.cultura.sp.gov.br/tag/parada-gay/>> (último acesso 20/02/2019).

UNIVERSA UOL. **Brasil lidera ranking de mortes de travestis e trans; um é morto a cada 48h.** Disponível em: < <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/09/brasil-lidera-ranking-de-mortes-de-travestis-e-trans-um-e-morto-a-cada-48h.htm>> (último acesso 25/02/2019).